



**DACEC**

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 21/02/2020 a 27/02/2020

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**  
**Jaciele Moreira<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e Bacharel em – Administração UNIJUI.

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
21/02/2020	8,90	289,20	30,64	5,51	3,77
24/02/2020	8,74	286,10	29,49	5,36	3,72
25/02/2020	8,79	286,50	29,23	5,39	3,72
26/02/2020	8,81	291,30	29,07	5,40	3,70
27/02/2020	8,86	296,90	28,83	5,29	3,64
<b>Média</b>	<b>8,82</b>	<b>290,00</b>	<b>29,45</b>	<b>5,39</b>	<b>3,71</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos  
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho = 25,40 quilos  
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

**Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	85,00	ND
RS - Santa Rosa	85,00	ND
RS - Ijuí	85,00	ND
PR - Cascavel	80,50	ND
MT - Rondonópolis	79,50	ND
MS - Ponta Porã	76,00	ND
GO - Rio Verde (CIF)	78,50	ND
BA - Barreiras (CIF)	78,50	ND
MILHO		
Argentina (FOB)**	171,00	ND
Paraguai (FOB)**	157,50	ND
Paraguai (CIF)**	200,00	ND
RS - Erechim	48,00	ND
SC - Chapecó	49,00	ND
PR - Cascavel	46,00	ND
PR - Maringá	45,50	ND
MT - Rondonópolis	45,00	ND
MS - Dourados	42,00	ND
SP - Mogiana	51,00	ND
SP - Campinas (CIF)	54,50	ND
GO - Goiânia	46,50	ND
MG - Uberlândia	50,00	ND
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	850,00	ND
RS - Santa Rosa	850,00	ND
PR - Maringá	1050,00	ND
PR - Cascavel	1000,00	ND

Período: 26/02/2020

ND = Não Disponível.

(\*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. \*\* Preço

médio em US\$/tonelada. \*\*\* Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 27/02/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	44,00	78,83	44,36

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 27/02/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	49,54
Feijão (saco 60 Kg)	140,00
Sorgo (saco 60 Kg)	38,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,88
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,14**
Boi gordo (Kg vivo)*	6,71

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Fevereiro/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

Diante do avanço da doença conhecida como coronavírus, atingindo a Europa, o Brasil e a África, além dos EUA, China, Irã e outros países, as bolsas do mundo inteiro despencaram nesta semana de carnaval no Brasil. Chicago não fugiu a regra e a soja, para o primeiro mês cotado, perdeu quase 20 pontos entre os dias 21 e 24/02. Posteriormente este mercado se ajustou e reagiu um pouco. Assim, após bater na mínima desde o final de janeiro (US\$ 8,74/bushel), o fechamento desta quinta-feira (27) ficou em US\$ 8,86/bushel, contra US\$ 8,92 uma semana antes.

Com o avanço do coronavírus pelo mundo, o dólar acaba servindo de valor refúgio aos especuladores e, com isso, sobe de preço, tirando competitividade das exportações estadunidenses.

Paralelo a isso, há muitas dúvidas quanto à retomada das compras chinesas de produtos agropecuários dos EUA, a partir da assinatura da Fase Um do acordo comercial entre os dois países. A mesma foi realizada em 15/01, porém, até o momento as compras chinesas não deslançaram. E, agora, com a China sendo o centro da epidemia de coronavírus, sua economia praticamente paralisou, o que dificulta ainda mais o comércio.

Ao mesmo tempo, apesar da quebra no Rio Grande do Sul, no restante da América do Sul se espera uma safra cheia, a qual daria conta de suprir a quebra de safra ocorrida na última colheita dos EUA, no final do ano passado.

Por outro lado, o relatório Outlook do USDA, destes últimos dias, indicou uma área a ser plantada com soja nos EUA um pouco maior do que o esperado, porém, 12% acima do semeado na safra anterior. Esta área ficaria em 34,4 milhões de hectares. Mas será o relatório de intenção de plantio, previsto para o dia 31/03, que deixará mais clara esta situação e é o que o mercado realmente considera.

Se esta área for confirmada, e o clima correr normalmente nos EUA, a futura colheita de soja neste país poderá chegar a algo entre 114 a 115 milhões de toneladas, contra 96,8 milhões na frustrada safra passada.

Por sua vez, as exportações líquidas de soja por parte dos EUA, no ano comercial 2019/20, iniciado em 1º de setembro, atingiram a 494.300 toneladas na semana encerrada em 13/02. Isso representa um recuo de 23% sobre a média das quatro semanas anteriores. Para o ano 2020/21 as vendas atingiram a 3.400 toneladas. Na soma dos dois anos o mercado esperava um volume bem maior, algo entre 700.000 e 1,2 milhão de toneladas.

No Brasil, agora também atingido pelo coronavírus, o dólar disparou e o mercado cambial chegou a bater em R\$ 4,50 por dólar durante o pregão do dia 27/02, um novo recorde nominal histórico. Mesmo assim, o recuo em Chicago e a estagnação dos prêmios em níveis bastante baixos para os padrões anteriores, não permitiram que os preços subissem. Desta forma, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 78,83/saco, enquanto os lotes ficaram em R\$ 85,00/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes oscilaram entre R\$ 74,00 em grande parte do Nortão mato-grossense, até R\$ 86,50 em Campos Novos (SC), passando por R\$ 82,00 no centro e

norte do Paraná; R\$ 73,00 em São Gabriel (MS); R\$ 76,50 em Goiatuba (GO); R\$ 78,50 em Pedro Afonso (TO); e R\$ 80,50/saco em Uruçuí (PI).

Os prêmios nos portos brasileiros fecharam a semana entre US\$ 0,17 e US\$ 0,47/bushel.

Enfim, até o dia 21/02 a colheita da soja no Brasil atingia a 30% da área, contra 28% na média histórica (no ano passado, nesta data, a mesma atingia a 38%). Por Estado produtor a mesma registrava 25% no Paraná, contra 30% na média; 74% no Mato Grosso, contra 49% na média; e 29% em Goiás, contra 39% na média histórica. Dos quatro principais Estados produtores, apenas o Rio Grande do Sul não apresenta ainda dados estatísticos significativos de colheita, devendo a mesma se intensificar a partir deste início de março. (cf. Safras & Mercado)

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago igualmente recuaram nesta semana de Carnaval, com o primeiro mês cotado fechando a quinta-feira (27) em US\$ 3,64/bushel, contra US\$ 3,78 uma semana antes. Nota-se que as oscilações durante a semana foram bem menores do que as ocorridas na soja. Por outro lado, o fechamento deste dia 27/02 ficou em um nível que não era visto desde a primeira quinzena de dezembro passado.

O mercado do milho tem sofrido menos efeitos dos impactos do coronavirus, pelo menos por enquanto. Dito isso, a sensação de que o mundo está perdendo o controle em relação ao avanço do coronavirus (agora batizado de Covid 19), instabiliza ainda mais o mercado, especialmente em relação a China. Assim, os operadores vendem commodities e ações, derrubando as bolsas mundo afora, e buscam o dólar como refúgio, aumentando o valor desta moeda. Esta é uma das explicações da forte desvalorização do Real nesta semana. Ao mesmo tempo, o preço das commodities recua fortemente.

Por sua vez, o Fórum Outlook do USDA apontou uma projeção de área a ser semeada com milho nos EUA em 38 milhões de hectares. Mas, como informado no comentário passado, o mercado dá muito mais atenção aos números que virão da intenção de plantio, a qual será divulgada em 31/03.

Pelo lado positivo, as exportações de milho por parte dos EUA finalmente voltaram à casa de 1,25 milhão de toneladas, volume mínimo para dar mais otimismo ao mercado do cereal e, que, se mantido, pode reduzir um pouco os altos estoques existentes. (cf. Safras & Mercado)

A partir de agora o mercado fica mais atento à colheita do milho de verão na América do Sul e, principalmente, ao clima nos EUA a partir do final de março.

Na Argentina e no Paraguai, a tonelada FOB de milho chegou a US\$ 171,00 e US\$ 157,50 respectivamente.

Aqui no Brasil, com a semana bem mais curta devido aos festejos de Carnaval, o assunto central foi a chegada do coronavírus, além da falta de milho para abastecer grande parte das regiões consumidoras, especialmente São Paulo.

De fato, praticamente não há ofertas em São Paulo e os negócios giram entre R\$ 50,00 a R\$ 51,00/saco à vista FOB, ou seja, entre R\$ 55,00 a R\$ 55,50/saco CIF Campinas. Não há ofertas e a logística começa a causar problemas, pois a mesma se desloca para atender a colheita da soja.

Em paralelo, chama a atenção o fato de que a BM&F continua, em muitos momentos, operando descolada da realidade do mercado físico nacional, tentando puxar para baixo os preços do cereal no horizonte do mês de maio próximo.

Muitos esperam que os preços em Campinas recuem para R\$ 48,00/saco em maio o que, por enquanto, não parece ser factível diante da realidade existente no mercado nacional.

Isso porque a safra de milho de verão tem quebras em diversas regiões, especialmente no Rio Grande do Sul, enquanto o plantio da safrinha continua muito atrasado, comprometendo a produtividade futura.

Por outro lado, a forte desvalorização do Real continua favorecendo as exportações do pouco milho disponível, forçando uma alta interna dos preços a fim de segurar o produto localmente. Aliás, a paridade de exportação continua sendo, com este câmbio, um elemento central no comportamento do mercado nacional do milho.

Dito isso, a semana fechou com a média gaúcha no balcão valendo R\$ 44,00/saco, enquanto os lotes, no Rio Grande do Sul, giraram entre R\$ 46,00 e R\$ 48,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes ficaram entre R\$ 40,50 em Sinop/MT e R\$ 54,00/saco em Itanhandu (MG), passando por R\$ 53,00 em Alfenas (MG) e R\$ 49,00/saco em Videira, Chapecó e Concórdia (SC).

A colheita da safra de verão, no Centro-Sul brasileiro, até o dia 14/02, atingia a 24,5% da área, com 54% no Rio Grande do Sul, contra 25% no ano passado na mesma época (53% no Rio Grande do Sul). Já o plantio da safrinha de 2020 atingia a 32% da área do Centro-Sul brasileiro, contra 55% no ano passado nesta época e 34% na média histórica. Todos os principais Estados produtores apresentam atraso importante, sendo que em São Paulo somente 12% da área havia sido semeada, contra 47% no ano anterior e 18% na média histórica. (cf. Safras & Mercado)

## **MERCADO DO TRIGO**

As cotações do trigo em Chicago despencaram nesta semana, com o primeiro mês cotado fechando a quinta-feira (27) em US\$ 5,29/bushel, contra US\$ 5,60 uma semana antes. O atual valor não era visto desde o final de novembro passado.

Em Chicago, a pressão veio da realização de lucros por parte dos especuladores, os quais decidiram vender posições a partir da alta anterior das cotações. Um tradicional

ajuste técnico. Mas igualmente pesou o avanço do coronavírus mundo afora, o que tem feito muita gente sair das bolsas e buscar refúgio no dólar. Ninguém sabe como tudo isso irá terminar e, principalmente, quanto tempo irá durar. Assim, a economia mundial começa a travar ainda mais. O aumento do valor do dólar também acaba reduzindo a competitividade do trigo estadunidense.

Por sua vez, nos EUA, o Fórum Outlook do USDA indicou que a nova área de trigo será de 18,2 milhões de hectares naquele país, ficando praticamente igual a do ano anterior e um pouco acima do esperado pelo mercado.

Somou-se a isso, para a baixa da cotação na semana, a fraca demanda pelo trigo dos EUA. As vendas líquidas do cereal, no ano comercial 2019/20, iniciado em 1º de junho, atingiram a 346.300 toneladas na semana encerrada em 13/02. Isso representa um recuo de 40% sobre a média das últimas quatro semanas.

Em paralelo, na Argentina o preço FOB do trigo para entrega em fevereiro esteve em US\$ 240,00/toneladas. Ao câmbio atual no Brasil o produto do vizinho país chega nos moinhos paulistas ao redor de R\$ 1.250,00/tonelada e em Curitiba em torno de R\$ 1.160,00/tonelada. Com a nova desvalorização do Real durante a corrente semana esta paridade de importação aumentou, deixando ainda maior espaço para um aumento de preços junto ao trigo brasileiro de qualidade superior. Para junho, o trigo argentino está sendo indicado a US\$ 258,00/tonelada, ou seja, 7,5% acima do preço atual.

Nas demais regiões do Mercosul o preço FOB do trigo fechou a semana entre US\$ 215,00 e US\$ 225,00/tonelada, enquanto a safra nova argentina, para o final do ano, está em US\$ 185,00 em termos apenas nominais.

Aqui no Brasil, o saco de trigo fechou a semana valendo R\$ 44,36 no balcão gaúcho. Enquanto isso, os lotes se mantiveram em R\$ 51,00/saco. No Paraná, o balcão se manteve em R\$ 50,00, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 60,00 e R\$ 63,00/saco. E em Santa Catarina, o balcão conservou valores em R\$ 46,00/saco, enquanto os lotes, na região de Campos Novos (SC), ficaram em R\$ 54,00.

Além do coronavírus, o câmbio tem sido no Brasil, o elemento de atenção do mercado. Nestes níveis, a importação fica cada vez mais cara, podendo puxar para cima os preços internos do produto de qualidade. Isso só não acontece de forma significativa, ainda, porque os moinhos brasileiros estão bastante abastecidos no momento.

A questão é verificar como se movimentará o mercado a partir deste mês de março, pois tais moinhos ou importam ou pagam mais pelo produto nacional, lembrando que tivemos mais uma vez uma safra frustrada, especialmente em qualidade, na última colheita. Neste sentido, ganha força as expectativas em relação a volatilidade do dólar. Em síntese, continua o viés de alta para os preços do trigo nacional, muito ligado ao comportamento cambial diante da necessidade natural de importações nos próximos meses.